

Patrícia Franconere

# **Atormentado**

São Paulo

2011

Patricia Franconere

Título Original: Atormentado

Copyright© 2011 por Patricia Franconere

ISBN

*Sinopse*

Ferdinando Fraccadore Vetorazzi nasceu em Crotona, um pequeno vilarejo nas montanhas, situado na região da Calábria no sul da Itália. Foi criado sob a doutrina católica, teve uma infância difícil ao lado do pai Giuseppe que o educou com austeridade e da mãe Francesca, mulher beata, submissa e superlativa que passou parte de sua vida correndo atrás do

marido, este, sempre envolvido com mulheres do povoado. Entre elas, Amparo, mulher bela e fogosa que não pensava duas vezes em afrontá-la. Ferdinando ainda criança, descobriu o desejo carnal ao ver os seios nus de Amparo durante uma briga entre ela e sua mãe. Tímido, morria de vergonha dos escândalos que a mãe produzia cada vez que se encontrava com a rival. A imagem de parte do corpo nu de Amparo ficou entranhada em sua memória. Ele descobriu o prazer solitário dentro do banheiro de sua casa, mas para sua infelicidade, foi flagrado pela mãe que, decepcionada o acusava de pecador. Arisco ao contato físico e demonstrações de afeto, Ferdinando encontrou num violino velho um alívio momentâneo para sua culpa e seus questionamentos.

Abandonado por seu pai, que viajara para o Brasil com a desculpa esfarrapada de ir apenas à procura de trabalho, Ferdinando ainda jovem, passou a ser arrimo de família, já que sua mãe abatida com o abandono, passava o resto de seus dias largados sobre a cama. Aos vinte anos, Ferdinando envolveu-se com Amparo. Por uma noite ela foi mais que uma amiga. Mas uma tragédia abateu-se em sua casa. Sua mãe falecera de uma maneira brutal enquanto ele se deliciava nos braços da bela mulher. Ferdinando se culpava pela morte da mãe e colocara em xeque a existência de Deus. Sozinho e sem perspectiva de vida, Ferdinando decidiu viajar para o Brasil a procura do pai e de respostas que tanto o afligia.

A rigidez, a inflexibilidade e as imposições constantes de regras, impunham limites em suas ações e seus pensamentos. Ele passou a acreditar que o Ihe era imposto era o certo. O excesso de rigidez e a devoção fervorosa ao catolicismo fizeram com que ele criasse um

padrão mental de comportamento implacável, provocando assim, um sentimento de autopunição que só trazia sofrimento aos outros e a si próprio. Porém, ele não era um homem mau. Apenas não sabia lidar com pessoas, muito menos com a vida. Ele era capaz de amar intensamente e odiar na mesma proporção. Inteligente, corajoso e de espírito empreendedor, tornou-se um empresário de sucesso internacional, mas a culpa, a saudade da mãe, a falta de amor do pai e o ciúme doentio que nutria pela esposa não permitiam que ele encontrasse felicidade em lugar algum. Até que um fato inusitado lhe trouxesse de novo a razão.

## Prefácio

Jardim Marajoara (São Paulo, Brasil) 22 de setembro de 2001.

Era início de primavera. Uma chuva torrencial meio fora de hora caía incansável trazendo o que restava do frio do inverno consigo. Num pequeno salão de aproximadamente quarenta metros quadrados e portas de vidro que, tremulavam com o bater do vento forte, eu e outras pessoas nos amontoávamos ao lado da aniversariante que completaria 15 anos de idade. Seu rosto era pálido como uma boneca de cera e suas feições permaneciam estáticas iluminadas pelas fortes luzes que vinha do teto. Seus cabelos da cor do mel acomodavam-se sobre os ombros como cascatas. Próximos a mim estavam o Padre Cosmo e minha querida Poliana. Exatamente às oito horas da noite as luzes se apagaram e as velas do bolo foram acesas. Eu Ferdinando Fraccadori Vetorazzi e minha mulher Bete nos colocamos ao lado de nossa filha Dominice. Com meu velho violino Stradivarius em mãos comecei a entoar os primeiros acordes de parabéns a você. As pessoas presentes começaram a cantar:

Parabéns pra você,  
Nesta data querida,  
Muitas felicidades,

Muitos anos de vida!

Para Dominice nada!

Tudo!

E como é que é?

É!

É pique.. É pique... É pique...É pique...É pique... É hora... É hora... É hora...Ratibum!

DOMINICE... DOMINICE... DOMINICE...

Não houve alegria naquela canção. Apenas dor e lágrimas.

Não houve presentes. Apenas flores.

Quem já teve a oportunidade de ver o mapa da Itália sabe que o país se parece com um bota. Sendo assim, informo que minha história começa em uma região chamada Calábria que está situada no dedo da bota, ou seja, na ponta dela.

## 1

Eu nasci em março de 1956 numa pequena casa de pedra no ponto mais alto de uma colina verdejante. O lugar era tão alto que às vezes eu tinha a impressão de poder tocar o céu com as pontas dos dedos. Descendo a colina havia muitas casas encravada na montanha em vielas tão estreitas que mal dava para passar um carro. A maioria eram casas assobradas com pouco terreno, por esse motivo era comum ver roupas secando em varais improvisados no parapeito das janelas. O pequeno vilarejo era de uma beleza natural indescritível. Sua costa era banhada pelo Mar Jônico que desaguava no Mar Mediterrâneo. Esta era a vista que eu tinha da minha casa. O Mediterrâneo todo para abraçar. Muitas vezes desde a minha mais tenra idade lembro-me de ficar sentado na frente da minha casa olhando para aquela imensidão azul de água. Muitas vezes passava horas admirando o lugar e pensando na vida. Eu imaginava se Deus estava atrás da linha do horizonte ou no céu, enxergando nós, pobres mortais, como minúsculas formigas. O clima de Crotona era quente e seco mais até que outros lugares da Itália. Por isso eu estava quase sempre enfiado dentro de calças curtas em tons pastéis, agarrada aos suspensórios e boina para não rachar a cabeça devido elevada temperatura do sol.

Província de Crotona (Calábria, Itália) 1966.

Eu estava com dez anos de idade.

-- Ferdinando! Cadê você seu impiastro! — perguntou minha mãe como sempre aos berros.

— Aqui fora mãe! — respondi enquanto guardava minhas bolinhas de gude dentro de um saco de flanela.

— Vá chamar seu pai! — ela gritou de dentro da casa.

— Não sei onde o pai está mãe! — respondi tentando me debruçar na janela do quarto para olhar para dentro.

— Ele deve estar com os pescadores no bar do Pepe enchendo a cara de vinho!

— To indo!

— Diz pra ele que se não chegar logo ficará sem almoço!

— Ta bom mãe! — respondi enquanto me afastava da casa correndo.

— Vê se não desce correndo para não se arrebentar nas pedras! — ela me disse agora debruçada no parapeito da janela.

— Ta bom! Ta bom... — Caminhei lentamente.

—Vai logo se não eu te mato? — gritou minha mãe. “*Ela quer que eu ande devagar ou que eu corra?*” Pensei. Ela era assim. Nunca se decidia. E como qualquer bom italiano que se preze está sempre querendo matar alguém.

Eu descii a montanha em desabalada carreira em busca do meu pai. Essa não era a primeira vez que minha mãe me incumbia dessa tarefa. Naqueles dois últimos dois anos era o que eu mais fazia. Meu pai era marceneiro e trabalhava em uma fábrica de móveis. Depois de provocar uma briga com um dos funcionários foi demitido. Aliás, meu pai adorava se meter

Em encrencas e essa foi apenas mais uma delas. Meu pai já não era muito de pegar no batente com a demissão ele acabou se encostando na minha mãe que lavava e passava para fora para poder pagar as contas de casa. Ele por sua vez passava a maior parte do tempo conversando com os pescadores da região quando não, no bar do Pepe. Minha mãe odiava quando isso acontecia porque lá morava a dona Amparo irmã

caçula do seu Pepe. Minha mãe jurava de pés juntos que meu pai tinha um caso com ela, afinal era o que Crotone inteiro comentava. Eu ainda não a conhecia pessoalmente, mas diziam ser uma mulher muito bela e foi o que constatei.

Assim que desci a colina me deparei com a pequena mercearia de portas verdes do seu Pepe.

— Seu Pepe o senhor viu meu pai? — perguntei ao homem barrigudo de olhar amistoso que estava atrás do balcão. Ele sorriu amarelo, e sem titubear caminhou até uma porta atrás do balcão que dava acesso direto a casa a casa dele e chamou por meu pai.

— Giuseppe, seu filho está aqui procurando por você.

Meu pai saiu de lá com a cara mais desconfiada do mundo. Estava com a barba por fazer, com os suspensórios caídos, braguilha da calça aberta (na minha santa ingenuidade eu achava que ele tinha acabado de urinar) e seu velho chapéu cinza de feltro estilo borsalino em suas mãos.

— Caspeta! Mas o que foi dessa vez?

— A mãe ta chamando o senhor pra almoçar.

— Ma vá cagare! Nem deu o horário? Ainda são dez e meia! Tua mãe quer que eu vá comer com as galinhas?!

Nesse instante, uma mulher bonita de seios fartos e cabelos acobreados apareceu ao lado do meu pai.

— O que aconteceu Giuseppe? — perguntou a mulher demonstrando certa intimidade ao tocar o braço do meu pai.

— Larâdx! Mas que ta fazendo aqui no bar? Não falei para me esperar lá dentro? Porca miséria!

Depois do esporro que meu pai deu a mulher sem graça voltou a entrar.

— Quem é aquela mulher? É a dona Amparo?

— É o Amparo sim.

E o que ela tava fazendo lá dentro com o senhor? — perguntei inocentemente (naquele tempo as crianças ainda eram bocós).

— Não é da sua conta! — ele respondeu enquanto tentava encaixar o chapéu surrado na cabeça.

— Mas pai... — eu disse reticente. — A mãe já falou que não quer ver o senhor conversando com essa donna aí!

Meu pai enfurecido tascou um bofetão bem na minha cara.

— Cazzo! Quantas vezes vou ter que dizer para não se intrometer na minha vida!

Envergonhado, baixei a cabeça e sai sem dizer uma palavra. Essa não era a primeira vez que meu pai me humilhava na frente dos outros.

— Coitado do menino! Não precisava ser tão enérgico com ele. — disparou o grande amigo do meu pai.

— Este moleque não passa de um bocó!

— Ele vai contar pra Francesca! — concluiu Pepe enquanto enchia um copo de vinho.

— Se ele contar acabo com a raça desse vagabundo.

Pepe, apesar de ser o melhor amigo do meu pai não concordava com suas atitudes. Ele era um homem correto e honesto e íntegro. Tinha o fardo de carregar sua única irmã nas costas. Amparo uma balzaquiana viúva que vivia as suas custas e lhe rendia muitas dores de cabeça. Mulher fogosa não se limitava em se envolver com homens solteiros, mas principalmente os casados e meu pai foi apenas mais um deles. Minha mãe que o diga... E eu também...

Meia hora mais tarde, dentro da cozinha escura da casa de pedra, a gritaria na minha casa rolava solta.

— Quantas vezes vou ter de falar que não quero mais saber de você andando com aquele biscate?

— Mas que biscate? Ta ficando louca? — retrucou meu pai sentado à ponta da mesa gesticulando sem parar.

— Louco ta ficando você! Eu arranco seus culhões se eu descobrir que você se deitou novamente com aquela vagabunda!

— Ma que? Para de falar tanta bobagem!

— Eu me mato de tanto trabalhar nessa casa, lavando, passando e fazendo comida para encher essa sua pança enquanto você me trai com aquela maledita.



— Você não passa de uma porca gorda! Você deveria de boca fechada e me servir à comida! — gritou meu pai subindo cada vez mais alto na escala da estupidez.

Minha mãe por outro lado colocou o avental manchado de molho de tomate e começou a colocar as panelas sobre a mesa com brutalidade. Afinal isso era o máximo de agressividade que lhe era permitido.

— Ferdinando! Vem que o almoço ta servido! — gritou minha mãe enquanto acomodava seu traseiro avantajado numa cadeira torta do lado direito do meu pai que, por sua vez, mordiscava uma torrada de pão velho, coberto com antepasto de berinjela. Confesso que tive medo de entrar na cozinha, mas sabia que não poderia escapular de uma punição, sendo assim entrei. Quando me aproximei da mesa o velho me deu um potente tapa nas costas de criar vergão.

— Cazzo! — praguejei.

— Dá próxima vez que abrir essa tua boca grande você vai para o milho entendeu?

— Eu entendi.

— Quantos anos têm aquela vagabunda? — perguntou minha mãe.

— Eu sei lá quantos anos ela tem? — respondeu meu pai furioso.

— Deve ter uns vinte quatro vinte cinco. — concluiu minha mãe. — Você não tem vergonha? Um homem com quase quarenta anos se deitar com uma mulher dessa idade? E que tipo de mulher se deita com um homem com as pelancas caindo feito você?

Meu pai não respondeu. Mesmo aborrecido com a discussão sentei-me do lado esquerdo do meu pai e fiquei quieto. Só abri minha boca quando minha mãe abriu a tampa da panela.

— Sopa de cabeça de peixe de novo?

— Não reclame! — disse meu pai em tom severo acompanhado de uma sonora tapa na minha cabeça. Servi-me à contra gosto do caldo.

— Faça a oração antes de comer! — mandou meu pai. (Diga-se de passagem, nesse quesito “mandar” ele era imbatível). De qualquer maneira, baixei a cabeça e de mãos cruzadas comecei a orar.

— Senhor... Obrigada por nossa refeição. Obrigada pelo peixe que comemos hoje que é o mesmo que comemos ontem... Antes de ontem... Antes de ontem de ontem e antes de ontem de ontem de ontem e do mês passado.

Só me lembro de ter terminado a oração quando senti um soco do meu pai afundar no meu crânio.

Após me golpear sem indício nenhum de remorso meu pai levantou-se abruptamente fazendo sua cadeira ir de encontro ao chão. Ele abriu a porta do pequeno armário acima da pia e pegou um saco plástico. Após jogar o conteúdo no chão (que eu já sabia exatamente qual era) me puxou pelo braço e atirou-me com violência sobre o milho seco.

— Agora é meio dia. Você vai ficar aí ajoelhado até as três e não quero ouvir um pio seu. Entendeu?

Eu não respondi da primeira vez. Estava furioso demais para dar atenção aquele homem ensandecido,

— Entendeu? — insistiu.

— Eu entendi pai. — respondi enquanto encarava meu carrasco de frente.

— Madona da Achirópita! Vamos parar com isso? Esse menino não pode ficar no milho por tanto tempo!

\_ Ele vai ficar aí até quando eu quiser!

— Não vai não! — disse minha mãe num breve momento de valentia. — Ferdinando pode sair do castigo. Eu to mandando! — explodiu minha mãe.

Meu pai como de costume a esbofeteou. Ela se pôs a chorar.

— Vou sair. Não agüento ficar dentro dessa casa por muito tempo. Você me irrita!

— Vai para onde? Atrás da puta jovem?

Meu pai não respondeu. Simplesmente saiu e bateu a porta. Apesar da minha mãe odiar a Amparo eu não conseguia entender muito bem o porque. Na minha cabeça meu pai era apenas amigo dela assim como eu era amigo das meninas da escola e da igreja.

Minha mãe aproximou-se de mim.

— Saia do milho meu filho.

\_ Não mãe. Se o pai voltar vai bater na senhora se eu não estiver aqui ajoelhado.

— Eu queria ter mantimentos o suficiente para fazer uma refeição descente. Mas estamos enfrentando tempos difíceis.

Aquilo me cortou o coração.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

